

SEXUALIDADE HUMANA: DO PROIBIDO À PERMISSÃO AO PRAZER

Tatiane Pulla Calegari¹

HUMAN SEXUALITY: FROM THE PROHIBITED TO THE PLEASURE PERMISSION

Resumo:

A sexualidade e suas diferentes formas de repressão foram sendo construídas de acordo com os momentos históricos em que os indivíduos de diferentes épocas viveram. O presente artigo traça uma breve história da sexualidade passando as diferentes culturas, os diferentes conceitos e os diferentes tempos. Faz ainda, uma constatação sobre a influência da mídia e do social nas questões do corpo e do imaginário; sobre como estas questões influenciam a sexualidade, acabando por fazer uma reflexão através da seguinte pergunta: Será que realmente vencemos o proibido e conquistamos a permissão ao prazer?

Palavras-chave:

Sexo; sexualidade; repressão; poder; produto.

Abstract:

The sexuality and its different forms of repression were built according to historical moments in which individuals from different times lived. The present article traces a brief history of sexuality passing by different cultures, various concepts, and different times. It also confirms the media and social influence on the body and the imaginary matters; on how these matters influence the sexuality, and ends by making some considerations in form of discussion: Have we really overcome the prohibited and conquered the permission to pleasure?

Keywords:

Sex; sexuality; repression; power; product

[Sumario](#)

¹ Acadêmica do 4º ano do Curso de Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. Administradora pelo Centro Universitário La Salle. E-mail: batira@uol.com.br

Introdução

O presente trabalho foi elaborado como um exercício do pensar ou talvez, como diz o título de uma pesquisa, do repensar a sexualidade e a repressão nos dias de hoje. O que permaneceu dos primórdios desta sexualidade? O que mudou, será que realmente mudou ou

apenas mudaram as formas de controle, de enquadramento ao momento histórico que vem sendo vivenciado?

De acordo com Paulo Freire (1992), a nossa presença no mundo não se pode reduzir a mera adaptação a ele; estar no mundo só vira presença nele quando o ser que está se sabe estando, e por isso, se torna hábil para aprender a interferir nele, a mudá-lo a se tornar, portanto, capaz de acrescentar à posição de objeto, enquanto no mundo, a de sujeito.

Como sujeito do mundo espero que este trabalho possa interferir nele; e se não puder contribuir para quem o ler como um aprendizado, que contribua então como uma forma de reflexão.

Fundamentação Teórica

Breve Histórico da Sexualidade *versus* Cultura

Maria Luiza Macedo de Araújo em seu artigo “Sexualidade (re)pensando a repressão (1997), descreve que desde a pré-história, quando o homem se organizou em grupos, e houve a necessidade de regras para uma boa e pacífica convivência entre seus semelhantes, o sexo se inseriu dentro desta criação de limites. Nesta época a luta básica era pela sobrevivência, assim as práticas sexuais permaneceram dentro das regras, exigências e cerimônias. Após milênios o homem deu-se conta que poderia modificar a natureza (atribuir valor) e então criou a cultura. Cultura é a inserção de valor na natureza, onde ela é modificada pelo ser humano que descobre, entre outras coisas, que pode domesticar animais e ser pai (ou seja, assim como os animais o macho precisa fecundar a fêmea a fim de que ela reproduza). Então num determinado momento o sexo deixou de ser apenas biológico para ser cultural, assim diferentes culturas têm suas normas referentes a questão sexual.

Antes do século XIX sexo era assunto de teólogos, moralistas, pedagogos, juristas, confesores e artistas. Ocorrendo, segundo Maria Luiza, uma sucessão de equívocos na forma como a questão sexual foi articulada no Ocidente.

A interpretação da filosofia platônica, neoplatônica e estóica da Antiguidade enfocaram o corpo como algo que atrapalha a alma para se desenvolver. Os pensadores cristãos desta época deram um sentido diferente a alma da qual Platão fala. Alma para o pensamento grego é intelecto e vontade e alma para o cristão é o espírito, a própria essência da vida. Para o grego não havia a noção de pecado, o que ele valorizava era a harmonia do ser. O desenvolvimento das virtudes tinha como objetivo tornar o homem senhor dos desejos e não escravo das paixões. Assim, virtude para o grego não tem sentido religioso e sim existencial. Na época em que o cristianismo foi difundido para a camada intelectualizada, os intelectuais que se converteram eram adeptos de filosofias que colocavam restrições ao corpo e que procuravam como forma de vida, controlar as paixões (o sexo seria uma delas) através do intelecto (BROWN, 1990 citado por ARAÚJO, 1997, p.232).

Assim, a transposição para um contexto religioso foi um caminho óbvio. Havia também, a crença de que o fim do mundo estaria próximo, então as pessoas deveriam manter-se em pureza e castidade (interpretação errônea de São Paulo) a fim de serem julgadas (Araújo, 1995). O pecado do corpo e da carne seria o sexo – temos aí outra interpretação errônea dos textos bíblicos, pois carne num sentido bíblico, significa existência e não corpo (LEON-DOFOUR, 1965 citado por ARAÚJO, 1995, p.232). Completando a série de equívocos, Santo Agostinho, um intelectual brilhante da época, deixou uma imensa obra de teologia moral e que por razões particulares colocou o sexo como fonte de pecado. Santo Agostinho tinha uma estrutura maniqueísta de pensamento (crença de que duas forças regiam o mundo

– o bem (a luz) e o mal (as trevas) – sendo que os adeptos do maniqueísmo praticavam o controle da natalidade julgando que cada criança que vinha ao mundo fazia com que aumentasse a trevas tendo que se fazer uma ascese pessoal para se purificar e a luz vencer as trevas. Assim, Santo Agostinho contrapunha a virtude ao vício e defendia que o sexo que não fosse sem prazer e para a procriação era um pecado. Além disso, Agostinho completou a lista de equívocos postulando que não deveria haver paixão entre os cônjuges, pois assim ficaria mais fácil de abdicar do sexo em função da família. Acrescenta-se aí o período de mil anos que dura a Idade Média, onde a Igreja possuía todo o poder espiritual e pretendia o temporal. Nesta época a Igreja detinha também toda a forma de desenvolvimento intelectual e, estando Ocidente e Oriente divorciados, ficou fácil para a Igreja tornar-se a única forma de difusão da cultura. Desta forma toda a problematização da sexualidade foi feita a partir da teologia da moral em termos de virtude e vício, logicamente o sexo passou a ser parte da luxúria e o prazer proscrito, seguindo a tradição agostiniana de que o sexo só seria lícito se praticado sem “deleite” e para procriação.

Com o Renascimento surge uma nova visão do mundo e no plano religioso a reforma protestante introduz modificações importantes na forma de articular a moral. Acontecem transformações econômicas na Europa surgindo assim uma nova ordem social, surge a burguesia e os pedagogos assumem a liderança na postulação dos princípios educacionais. Neste momento ocorre a passagem do controle da sexualidade do plano religioso para o plano social, onde o indivíduo introjeta (coloca dentro de si) as normas de recato e pudor, sendo seu próprio juiz coincidindo com o período da separação entre a moral e a religião. Não haveria então, a necessidade de temer o divino, pois o homem poderia ter a capacidade de agir de acordo com a moral (ARAÚJO, 1995; VAN USSEL, 1983 citado por ARAÚJO, 1997, p.233).

Já o século XIX caracterizou-se pelo duplo padrão e hipocrisia, pois o extremo rigor convivia a todo o momento com a transgressão. Foi nesta época que o sexo passou a ser domínio da ciência, que classificou as patologias e patologizou o prazer fundamentando cientificamente os posicionamentos que referendavam as posições moralistas de então (por exemplo, a questão da masturbação que poderia provocar as mais nefastas enfermidades, o que não se confirmou com estudos subsequentes da fisiologia sexual). Freud (1916) introduziu o conceito de inconsciente, que explica o mecanismo de recalçamento e repressão. Passa-se então a entender como o sexo é reprimido e manifesta-se em situações aparentemente não sexuais. Nunca se falou tanto em sexo e sexualidade, porém o discurso não serviu para libertar e sim para reprimir, pois, fala-se muito, mas a finalidade é o controle. Os livros que tratam de educação sexual repetem

o mesmo discurso religioso e moral. No Brasil, em 1930 e 1946 respectivamente, José de Albuquerque e Franco Filho foram extremamente ortodoxos em sua posição quanto à sexualidade quanto Santo Agostinho e até mesmo os papas Leão XIII e Pio XI.

Somente no pós-guerra é que a questão sexual pode ser discutida de forma mais objetiva. Na década de 60 surgem as pesquisas de Masters e Johnson relativa à resposta sexual, tendo sido a primeira vez que os pesquisadores ousaram observar, medir e quantificar a resposta sexual humana. Desta pesquisa resultou o primeiro modelo de terapia sexual (um trabalho que propunha a cura das disfunções sexuais). Este trabalhou originou todos os modelos de terapia sexual.

Apenas uma Questão de Conceitos e de Tempo

A partir deste primeiro modelo de terapia sexual estabeleceram-se conceitos, Silva (1989), propõe dois deles:

Conceitos apoiados na descrição dos desvios e psicopatologias que nos empurra para modelos teóricos em que a doença define a saúde, e não o contrário (além dos limites reais que a ciência coloca, restam apenas vagos indícios do que seria sexualidade ideal, perfeita e por isso mesmo inexistente);

Com o advento da psicanálise, descreveu-se a dinâmica do impulso sexual tomando como referencia um conceito abstrato do que seria normalidade, mas tendo o cuidado de alertar que o “normal” é algo teórico inexistente, e na prática, sexo real reflete sempre anomalias psíquicas.

Outra vez o limite do normal seria dado pelo contraste com o patológico. E ainda, os homens foram feitos para mulheres assim como as mulheres foram feitas para os homens. É isso que gera filhos e é para isso que o sexo existe. Todas estas “verdades” inquestionáveis forneceram os subsídios para que a pesquisa médica se transformasse em tratamentos para corrigir os “desvios” da sexualidade normal. (SILVA, 1989)

Assim de acordo com Silva (1989 p.14), apenas o passar do tempo e as modificações ideológicas são suficientes para revelar os preconceitos de uma época. A mesma masturbação que causava epilepsias, histerias e catalepsias tornou-se mais normal e aceitável, depois de Kinsey (que realizou um estudo, envolvendo 16.000 entrevistas, onde 60% das mulheres e quase que a totalidade dos homens se masturbavam na década de 40) ao menos porque nos fez a todos ou quase todos menos culpados ao sabermos que os outros transgridem a norma ideológica tanto quanto o fazemos. A questão é se nós mudamos ou mudou a medicina?

A verdade parece ser que mudamos todos, na medida em que pensamos de outra forma. Mudou o sexo porque mudaram as atitudes e valores que norteavam a pesquisa médica, a psicopatologia, a moral e a própria religiosidade. (SILVA, 1989).

Não se pretende discutir a veracidade ou não desses conceitos, mas sim demonstrar que a mudança da postura social transformou essas verdades em idéias, no mínimo discutíveis, tão ideologicamente comprometidas quanto seria, a afirmação pura e simples, de seus opostos. Desta maneira a sexualidade pode ser definida como o objetivo máximo da existência ou, o seu oposto, um grande perigo a evitar. Entretanto, o fato é que a humanidade existe há muito mais tempo do que as definições teóricas da sexualidade, e temos usado o sexo em diferentes dimensões, apesar do esforço de teóricos e teólogos para enquadrar essa prática em moldes restritos.

Sexualidade está no Corpo e no Imaginário

De acordo com Amparo Caridade (1999) o indivíduo constrói-se em seu tempo, em sua cultura, em seu cotidiano. Nessa construção ele vai adquirindo referências tanto dos valores do contexto cultural em que se insere como das marcas que inscreveu no seu corpo, em seu imaginário, a partir dos processos educacionais aos quais esteve submetido. Desta forma, um jogo de forças estabelece-se entre o cultural e o pessoal e o acompanhará por todo o seu viver. Nos dias atuais o indivíduo confronta-se com uma cultura narcisista. E as referências da construção de sua sexualidade se dão em meio a um contexto de aparências, temporariedades e um culto excessivo ao corpo e ao eu.

Caridade afirma ainda, que a sexualidade é a dimensão do sujeito que mais recebe influência e controle por parte do social; a autora também reflete sobre a posição de vários autores que falam do corpo como resultante de uma construção cultural e que com isso parece nos dizer que o biológico, em seu programa de desenvolvimento, não fica indiferente aos apelos do simbólico, que permeia o contexto em que o indivíduo cresce. O corpo “é um agente da cultura, [...] um texto da cultura” (BORDO, 1997 citado por CARIDADE, 1999); é “[...] sede de signos sociais” (RODRIGUES, 1986 citado por CARIDADE, 1999); ou, como explica Daolio (1995 citado por CARIDADE, 1999): “existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve no corpo de seus membros ao longo do tempo, significados esses que definem o que é corpo de maneiras variadas. “

Desde esses teóricos, além de Foucault, Bourdieu e outros é possível visualizar na história que o corpo se tornou um lugar prático direto do controle social de acordo com Foucault “...estamos em uma sociedade do sexo, ou melhor, de sexualidade: os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada” (2001, p.138). Sendo esses, exemplos de que o corpo não é uma propriedade tão exclusiva do sujeito e sofre muitas interferências de seu tempo e de seus processos educacionais.

O vestuário é um signo bem evidente, que serve para imaginar o universo dos sentidos estéticos e éticos que permeiam cada momento histórico. As vestes trazem os valores de cada época, os controles exercidos sobre o corpo quanto ao apresentar-se, ao revelar-se, ao esconder-se, ao seduzir-se, ao permitir ou proibir. Na sua apresentação antropológica segundo Caridade (1999), o vestuário é uma espécie de invólucro da erótica social, é uma metáfora erótica. Desta forma, a roupa, como a embalagem, como a maquiagem, inscreve-se num vasto jogo simbólico que serve ao comunicar, ao estar com o outro, ao fazer sociedade, ao consumir. A mídia faz um adestramento, exibindo partes consumíveis de corpos, como bunda e seios, a um público voyeur. E a roupa (que funciona como embalagem) promove certa identidade fusional, e o corpo que se mostra termina por ser um corpo coletivo. A moda enquadra-nos nesse coletivo. (CARIDADE, 1999).

Além do vestuário, o adestramento tem-se dirigido intensamente para a estética corporal. Essa obsessão por enquadrar o corpo no paradigma imposto do belo aliena a pessoa de si mesma, submetendo o indivíduo a idéias desvirtuadas do bem estar, do ser feliz. A estética é deslocada de sua função de promotora do bem estar para ser uma obrigação, para caber em um determinado padrão.

Caridade (1999) faz um contraponto dizendo que não se pode negar que há um prazer estético no sentir-se visualmente bem, inclusive de acordo com um modelo socialmente desejável. Contudo, a obsessão pelo corpo, por sua estética, suas sensações, seus prazeres domina o imaginário de tal forma que ofusca valores humanos e sociais preciosos.

A sexualidade do indivíduo também vai sendo comprimida para caber nessas regras e em outras como: tem de ser belo, tem de gozar, tem de ter tesão, tem de ter ereção, tem de gostar de sexo. Segundo Caridade (1999), a sexualidade fica então enquadrada; e ela questiona se esse enquadramento não promove então um contra-senso ao desejo que não se deixa enquadrar, que é avesso a imposições deserotizantes do ter de ser.

Considerações Finais

O sexo em seus primórdios era apenas mais um dos instintos animais do ser humano, assim como o instinto de sobrevivência e de continuidade. A partir da “evolução” da espécie e da convivência em comunidade é que este instinto natural passou a ter de ser “domesticado”. Logo, o ser humano foi mitificando o sexo e tudo que se relacionava com ele (sua sexualidade) de acordo com suas crenças e seus momentos históricos. Muito da repressão ou da “moral” da qual nossos pais e avós nos falam do “tempo de antigamente” vieram, de acordo com a pesquisa bibliográfica acima citada, de vários mal entendidos e más interpretações e interesses de poder, manipulação e controle de suas épocas.

Atualmente podemos pensar que não é assim. Finalmente somos “livres” e podemos voltar a viver o “sexo” como em seus primórdios (instintivo, prazeroso e fazendo parte de nossas necessidades vitais assim como comer, dormir, etc.). O que não nos damos conta é que este “sexo livre” é na realidade mais um momento histórico ao qual “nós” estamos vivendo. E que na realidade este sexo não é tão livre assim, e na verdade como dizia Belchior em sua música, “vivemos ainda como nossos pais”.

O sexo e a sexualidade seguem sendo um produto do poder. Do poder de controle e de manipulação como em outros tempos. O que mudou foi apenas a forma como ele está sendo abordado. Hoje em dia além de um produto do poder ele é fundamentalmente um produto do consumo. Existe uma enxurrada de *sex-shop*, canais pornográficos, eróticos, *lingerie*, cremes, lubrificantes, camisinhas, calcinhas que vão das normais às comestíveis, cuecas, programas que discutem e falam de/e sobre sexo, revistas eróticas, remédios para manter ereção, para obter melhor desempenho, curso de *strip-tease*, etc; isto apenas falando do que é explícito sem falar numa infinidade de produtos que usam o sexo subliminarmente.

Na televisão os corpos destas mulheres e destes homens são bonitos, magros “sarados”; barriga “tanquinho” virou sinônimo de felicidade. E a imagem que vendem (imagem= outro produto) é que todo mundo é bonito, atraente, feliz e que você também poderá ser assim se comprar isso, aquilo ou aquilo outro. Que você conquistará o amor de sua vida se for magra, se usar o creme dental X, se passar o creme para o corpo Y, etc. Os homens serão “os garanhões” se usarem o perfume tal, andarem com o carro tal, usarem a marca tal.

Nesta perspectiva voltamos a ser escravos de nossa cultura e de nosso tempo. Não há como ser livre no sexo sem antes ter um corpo maravilhoso, um carro do ano, uma calcinha dourada e sem escovar os dentes com o creme dental X. Quem se achará bonita ou bonito no momento do prazer quando aquelas imensidões de imagens estão tumultuadas em sua mente de forma tão escancarada e subliminar

Será realmente que vencemos o proibido e temos permissão para o prazer? E a questão instintual (animal) que o sexo e a sexualidade necessitam para transcorrer de forma saudável? Ou será que antes de sentirmos prazer não precisamos primeiro nos matricular na academia, participar de grupos de corrida, tomar energéticos, ir a danceteria, etc, etc, etc... para depois poder sentir prazer?

E, será que o crescente número de distúrbios alimentares em meninas tão jovens não têm nada haver com a questão do corpo, do sexo, das exigências para poder se chegar a esta imagem idealizada? E a famosa pílula do prazer, será que realmente dá prazer?

Acredito que atualmente o espaço para as relações verdadeiras e profundas está cada vez mais limitado, sem falar nos valores humanos e sociais, como afirmou a autora Amparo Caridade (1999), cada vez mais deturpados e confusos. Se o marido não olha ou não quer transar com a mulher, ela logo se acha gorda e feia, e não pensa que talvez ele possa ter tido um dia difícil e estressante no trabalho e vice-versa. As mulheres têm que ser super-mães, super-esposas, super-profissionais e ainda ser perfumada, bonita, gostosa e estar com um tremendo tesão quando for deitar com o marido. Eu me pergunto que remédio será que esta mulher idealizada toma para chegar no fim do dia depois de tantas exigências e ainda sentir vontade de transar?

Naturalmente, eu não vejo tudo assim tão negativo; ainda existem momentos na vida da maioria das pessoas em que elas podem se desligar e relaxar um pouco para se permitir este prazer, mas ele não é tão fácil como se vende, não é só pegar o telefone e discar um 0800 [...] qualquer. É necessário que se vá além da superficialidade, é necessário tempo, carinho e cultivo, pois nada que realmente dá prazer se compra (pois, quando se compra é muito fugaz). O que dá prazer é o que se conquista. E em nossa atualidade necessitamos reconquistar o valor das relações profundas e saudáveis para possuir este tão comentado “prazer livre”.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M. L. M. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol. 8, nº. 2, 1997.

CARIDADE, A.. A construção cultural da sexualidade. Cap. 1. In: RIBEIRO, M. (org.) O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente - CORES – Centro de Educação e Orientação Sexual, 1999, vol. 2.

FOCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001. XIV edição

FREUD, S..(1856-1939). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Volume XVI (1916-1917) Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (Parte III). Trad.: Jayme Salomão]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SILVA, A. C. Terapia do sexo e dinâmica do casal. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.